

Ano XXIV nº 6419 – 13 de setembro de 2021

Saúde Caixa: Negociação supera dois impasses

Finalmente, um avanço para os trabalhadores. A reunião de negociação entre a CEE (Comissão Executiva dos Empregados) Caixa e a direção do banco sobre o Saúde Caixa superou dois impasses importantes. O primeiro ponto foi em relação à diferença entre as projeções de custo do plano feitas pelas assessorias atuariais. Como há uma diferença de cerca de R\$ 40 milhões entre elas, ficou acertado que será utilizado uma média entre as duas projeções.

Outro avanço na reunião, de sexta-feira, 10/09, foi o descarte da paridade no custeio entre os participantes e o empregador. A direção da Caixa confirmou que não vai ter imposição sobre este ponto. Além disso, os representantes dos empregados ainda reforçaram a necessidade da ampliação do calendário da proposta de custeio da assistência médica. O banco concordou com a prorrogação e ficou de analisar a íntegra da proposta.

Os avanços são extremamente importantes para os trabalhadores da Caixa após tantos ataques ao direito ao plano de saúde. A próxima reunião sobre o Saúde Caixa acontece hoje, dia 13/09, às 15h.



Em ano em que maioria das categorias teve perdas, bancários conquistam aumento real

Em um ano em que o Brasil atravessa um momento extremamente difícil, no qual o país enfrenta o que pode ser chamada de “tempestade perfeita” - crise sanitária, econômica e política - os bancários conquistaram a reposição total da inflação e ainda tiveram aumento real. Resultado do acordo de dois anos negociado na Campanha Nacional de 2020, a categoria terá reajuste de 10,97% sobre salários, VA e VR, sobre as parcelas fixa e adicional e teto da PLR e demais verbas (13ª cesta, auxílio creche/babá, auxílio-funeral, requalificação profissional, entre outras).

Além disso, mesmo sofrendo ataques por parte dos banqueiros durante quinze duras negociações, os bancários mantiveram todos os direitos clausulados na sua Convenção Coletiva de Trabalho.

O fato dos bancários terem conquistado aumento real, em conjuntura extremamente adversa, é uma prova da organização e da força da mobilização da categoria. Ao contrário dos bancários, a maior parte das outras categorias sofrem com perdas salariais. Ou seja, não tiveram nem mesmo a reposição das perdas inflacionárias nos acordos negociados com os patrões.

Agosto tem maior inflação em 21 anos

Após o bolsonarismo viver momentos de histeria e êxtase, com os manifestantes acreditando que o presidente Bolsonaro iria decretar estado de sítio ou fechar o STF (Supremo Tribunal Federal) e a euforia ter tomado uma “ducha de água fria”, após o ex-presidente Michel Temer aconselhar Bolsonaro a se desculpar com o ministro da Suprema Corte, Alexandre de Moraes, o Brasil volta a realidade. A inflação medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) teve alta de 0,87% em agosto, a maior para o mês em 21 anos, desde o ano 2000. Com isso, o indicador acumula altas de 5,67% no ano e de 9,68% nos últimos 12 meses, acima do registrado nos 12 meses anteriores (8,99%). Em agosto do ano passado, a variação mensal foi de 0,24. Os índices caminham para os dois dígitos.

O principal vilão da alta dos preços têm a ver com o fiasco da política econômica do ministro banqueiro Paulo Guedes: a alta dos combustíveis (gasolina, 2,8%, etanol, 4,5%, diesel, 1,79% e gás veicular, 2,06%), que repercutem no aumento dos alimentos. Os preços não causados pelo ICMS dos estados como afirmam as fake news do Governo Bolsonaro nas redes sociais, mas pela política da direção da Petrobras desde o governo Temer, que dolarizou a referência de preços, reduziu a produção nacional do refino de petróleo. Com isso, a importação bateu recorde na história com os preços sujeitos ao câmbio.